



Ilídio Macaringue
em Brasília.

ENTREVISTA ILÍDIO MACARINGUE

Sebastião Feitosa



Ilídio Macaringue, proveniente de Moçambique é docente universitário, autor do livro *Políticas Linguísticas e Nacionalização do Português de Moçambique*, publicado pela editora Epígrafe, e doutorando na Unioeste em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Conheceu a Cognópolis em 2014, quando participou do Círculo Mentalsomático, ainda coordenado pelo Professor Waldo Vieira. O professor Ilídio é exemplo de dedicação ao aprofundamento nos estudos objetivando a qualificação profissional e o desenvolvimento de instituição assistencial na África em prol da ajuda de jovens e mulheres, no país de origem.

1. Quando e onde você nasceu?

R: Nasci aos 22 de Maio de 1976, na cidade de Maputo, capital da República de Moçambique, numa família de classe média. Sou o quarto do total de 5 irmãos.

2. Como foram suas vivências na infância e na juventude no âmbito familiar e social em Moçambique, e em que fase da vida começou seu interesse pelos estudos?

R: Considero-me privilegiado pelo facto de ter tido a oportunidade de nascer e crescer numa família unida e humilde. Os meus pais, infelizmente, já faleceram, foram das pessoas mais extraordinárias que conheci na minha vida, por terem me educado com valores que até hoje têm sido muito úteis na minha vida (pessoal, social e profissional).

Da minha infância e juventude, tenho apenas recordações muito boas. Desde cedo fui educado a temer a Deus, razão pela qual a igreja, no caso a católica, foi uma presença constante na minha vida, tendo recebido praticamente todos os sacramentos faltando apenas o de matrimónio.

Uma das coisas que mais me marcou neste período foi a exposição excessiva ao mundo através de jornais, revistas, rádio e televisão. Na época, ainda não havia acesso à internet em Moçambique. Esta familiarização permitiu-me desenvolver, desde cedo, o contacto com variados e diversificados assuntos da vida nacional e internacional. E a meu ver, valera a pena a prática que o meu pai teve: no fim do dia, ele trazia o jornal do serviço e eu e o meu irmão mais novo, na época com 14 anos de idade, líamos as notícias do jornal e depois do jantar reflectíamos em conjunto com ele, expondo o que tínhamos lido e compreendido.

Paralelamente a isso, assistir ao noticiário na televisão ou acompanhá-lo pela rádio era uma obrigatoriedade cívica indispensável já que depois precisávamos expor a súmula das notícias nas nossas habituais conversas pós-jantar.

Então, uma das consequências disso foi que desenvolvi grande interesse pelos estudos e apaixonei-me pela área de Letras (cursei licenciatura em Ensino de Português) e da Comunicação, de tal forma que aos 21 anos fundara um jornal, isto é, em 1997, que foi registrado e teve a respectiva licença de operação com o nome “Nadeco Informes”.

Portanto, este jornal (em formato A4), que era de distribuição gratuita, e também estava disponível em formato digital na internet, era propriedade do NADECO- Núcleo de Amizade para o Desenvolvimento da Comunidade Rural, uma associação juvenil sem fins lucrativos, da qual também fui mentor, e que actuava, de entre outras, nas áreas social, cultural e desportiva.

Esta associação, que no seu auge chegou a movimentar aproximadamente 200 jovens nas áreas de desporto com uma equipa de voleibol (categorias juvenil e júnior); cultura (com grupo de modelos, de dança tradicional e de dança moderna) e na área de entretenimento (com duas agências de produção de espectáculos), cujas receitas serviam para financiar as suas actividades sociais, acabou por encerrar as suas actividades em 2006 devido a novos desafios de formação académica e profissional de parte significativa dos seus membros activos.

Além disso, a minha paixão pela área de comunicação fez com que, em 1999, iniciasse a carreira de locutor de rádio na RTK (Rádio e Televisão Klint) e de 2000 a 2001, na mesma emissora, passei a ser apresentador de televisão do programa “Talk Show”, no qual entrevistava pessoas famosas das mais variadas áreas.

Portanto, posso dizer que a minha infância e juventude foram férteis em realizações, frustrações e sonhos, até porque acredito que inconscientemente acabei por acelerar algumas etapas do meu crescimento pessoal pela força das circunstâncias da vida.

3. Como é viver em Moçambique? A Cultura, o Povo, as Tradições e os Costumes?

R: Começaria por dizer que Moçambique é um país extraordinário, com uma incomensurável e rica biodiversidade e cerca de 2.515 quilómetros de costa. Por isso, somos um paraíso na região Austral de África, pelo facto de termos muitas praias, ilhas e também a terceira maior baía do mundo; a Baía de Pemba, na província de Cabo Delgado, Norte do país.



Em Foz do Iguaçu, com esposa Judite e filho Alfredo.

Apesar de viver actualmente no Brasil a estudos; faço doutoramento em Sociedade, Cultura e Fronteiras na UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Foz do Iguaçu, é bom viver em Moçambique e recomendo, pois apesar dos inúmeros problemas por que o país passa actualmente, que os considero passageiros, nomeadamente a tensão político-militar e a crise económico-financeira, factores que acabam por trazer alguma tensão social, o povo moçambicano é hospitaleiro e acima de tudo tolerante e sabe viver e conviver na diversidade e na adversidade.

Por exemplo, desde 1975 como Estado independente, não obstante o país ter vários grupos étnico-linguísticos e variadas crenças religiosas, nunca foram registrados confrontos dessa natureza. Ademais, o país tem sido procurado por vários imigrantes africanos e asiáticos, mas também alguns europeus e sempre foram bem recebidos.

Por conta da sua diversidade étnica e linguística, Moçambique acaba por ter uma riqueza cultural e linguística muito significativas manifestadas na música, na dança, na culinária, nas artes, cujas manifestações variam de região para região retro-alimentando de forma permanente a nossa cultura e as 22 línguas bantu, para além do Português que é a língua oficial.

Em 2006, por exemplo, o país viu um dos seus instrumentos e dança serem reconhecidos pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) como património imaterial da humanidade – a Timbila, uma manifestação cultural de Zavala, província de Inhambane, Sul do país, e que desde então desperta a curiosidade de centenas de milhares de pessoas (nacionais e estrangeiras) que anualmente marcam presença no chamado Festival de Timbila de Zavala.

Apesar da diversidade étnico-linguística e cultural e da força das tecnologias de informação e comunicação que contribuem para o choque (positivo e negativo) de gerações e de culturas, posso afirmar que ainda existem algumas tradições que não foram impactadas pelas tecnologias.

Por exemplo, o culto e o respeito da memória dos antepassados continua a ser uma prática constante, razão pela qual sempre que se justificar são celebradas cerimónias tradicionais para a evocação da chuva, para aumentar a produção nos campos de cultivo, vulgarmente denominados machambas, para a cura de doenças, para a retirada de maus espíritos, para ter sorte na vida profissional e sentimental, etc. Outrossim, ainda persistem as práticas de poligamia cujo objectivo é ter mais filhos considerados um capital importante para a produção agrícola, pecuária e pastorícia. E mais, filhas também significa ter mais cabeças de gado como moeda de troca, quando elas atingem a maioridade, para irem ao lar. Então, muitos filhos significa riqueza.

Além disso, em algumas tribos, sobretudo de algumas regiões do Centro-Norte do país, a mulher desempenha o papel de chefe de família, enquanto em outras do Centro-Sul o papel é maioritariamente desempenhado pelo homem. Isso explica o facto de a primeira ser considerada de matriz matrilinear e a segunda patrilinear, embora reconheça que a dinâmica social tenha provocado o deslocamento de fronteiras culturais e como consequência algumas tradições ficaram híbridas, impossibilitando a sobrevivência destes marcos característicos.

4. Como e quando surgiu o objetivo pessoal de intercâmbio acadêmico no Brasil? Quais foram as facilidades encontradas e quais as dificuldades enfrentadas?

R: A ideia de intercâmbio surgiu no quadro da política de internacionalização da universidade na qual dou aulas em Moçambique e, em 2012, apresentaram-me a proposta para vir ao Brasil e fazer mestrado na UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu, e uma vez que já gostava do país devido às novelas, música e carnaval, manifestações culturais bastante acompanhadas em Moçambique, não pensei duas vezes. Aceitei de imediato o desafio e desde já o meu agradecimento ao meu director, o Professor Padre Ezio Bono.

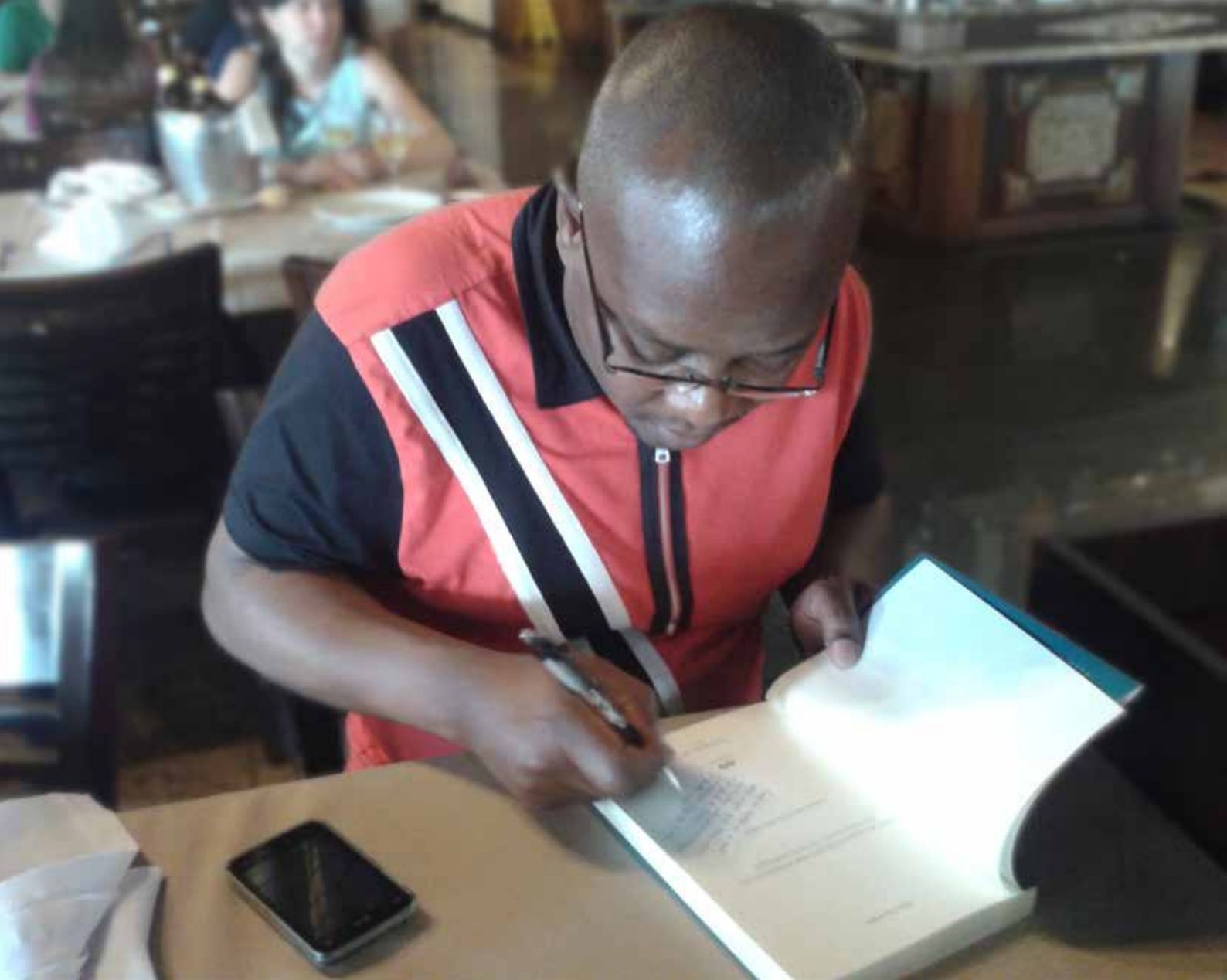
Digo desafio, pois não foi fácil deixar a minha família e rumar para um lugar no qual não conhecia ninguém. Porém, a hospitalidade dos brasileiros veio ao de cima. É aí que entra um casal que jamais me irei esquecer: Professor Fernando Martins e a Professora Maridelma Laperuta, dois anjos que apareceram na minha vida sem os quais este sonho teria sido uma miragem. Refiro-me a eles pontualmente, porque foram os primeiros a me ajudar e a criar as bases para a minha instalação no

país. É certo que também tive a ajuda de tantas outras pessoas a posterior e por temer me esquecer de alguns nomes prefiro não as mencionar e espero que se sintam representadas. Só tenho a agradecer e muito a este povo e ao país.

Das poucas dificuldades que tive, destaco a componente língua (são normas linguísticas diferentes), a mudança de hábitos e gerir a saudade e a família à distância. Contudo, a força de vontade fez-me superar todas as dificuldades.



Na UNIOESTE.



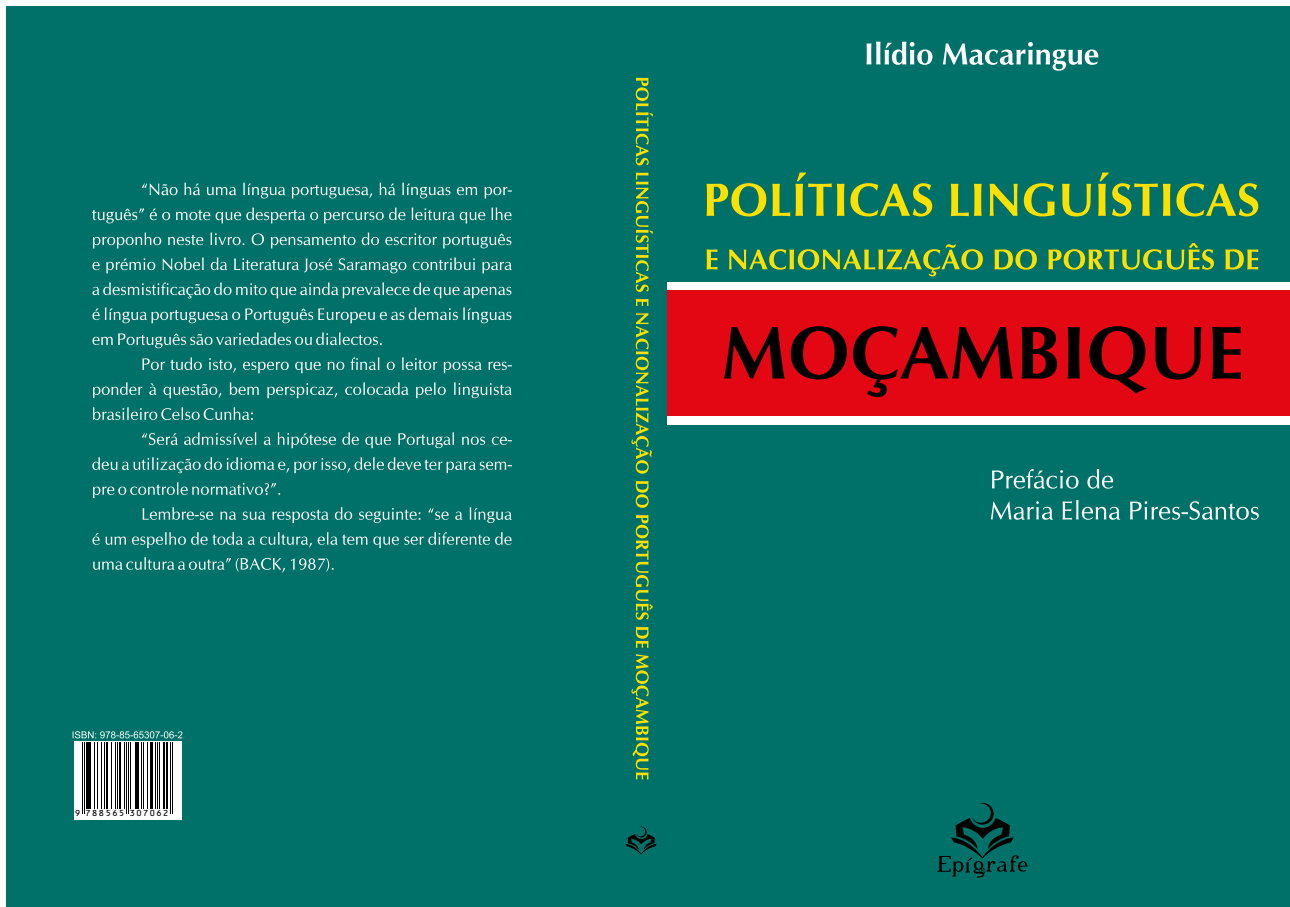
Ilídio Macaringue autografando seu livro.

5. O que mudou em sua vida após a publicação do livro de sua dissertação de mestrado?

R: Tudo! Digo isso porque ganhei mais visibilidade e o livro foi muito bem recebido em Moçambique, de tal forma que todos os exemplares que me foram disponibilizados esgotaram. É uma daquelas etapas fantásticas da minha vida. Realizei um sonho quase impossível.

Imagina só, eu vim para estudar e depois para regressar e dar continuidade ao meu trabalho de docência na minha universidade (Universidade Pedagógica, Delegação de Maxixe – UP MAXIXE/ UNISAF). Porém, a conjugação de energias positivas, por meio de Deus e de uma pessoa maravilhosa, a que lhe devo muito, o Alexandre Zaslavsky, conduziu-me a quem lhes devo muita gratidão: os voluntários da INTERCONS que ficaram sensibilizados com o meu sonho de publicar o que havia pesquisado durante os dois anos de formação e sensibilizaram mais voluntários para financiarem a publicação.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para endereçar um agradecimento muito especial para cada voluntário da INTERCONS que acreditou neste projecto, e de modo particular para Sebastião Feitosa, Tony Musskopf e Tathiana Mota.



Capa e contracapa do livro derivado da dissertação do mestrado.



Ilídio Macaringue com Prof. Waldo Vieira no hall do *Tertularium*.

Também um agradecimento especial à minha competente orientadora, Professora Maria Elena Pires-Santos, sem a qual nunca teria existido o livro “Políticas Linguísticas e Nacionalização do Português de Moçambique”.

6. Quais são os seus objetivos de vida atualmente?

R: Actualmente estou focado na minha formação contínua, por isso que regresssei ao Brasil em Julho de 2016, juntamente com a minha esposa e filho, para fazer doutoramento na UNIOESTE. Gostei tanto da universidade e da cidade de Foz do Iguaçu ao ponto de considerar o Brasil minha segunda pátria. Sinto-me bem aqui!

Para além dos estudos, pesquisa e palestras sobre a historiografia africana, moçambicana e afro-brasileira, dedico-me na ONG que ajudei a refundar, o NADECO, e agora com novos focos de actuação, daí a denominação NADECO – Instituto para o Desenvolvimento Humano.

7. O que propõe a ONG NADECO?

R: O NADECO define-se como uma organização social de direito privado, sem fins lucrativos, laica, apartidária, dotada de personalidade jurídica e com autonomia administrativa e financeira, e voltada para o Desenvolvimento integrado do Homem na sociedade onde estiver.

Dado o seu carácter Humanístico, Humanitário, Solidário e Desenvolventista, o NADECO tem como objectivos: 1) Promover acções de assistência social para os mais necessitados, tais como: concessão de bolsas de estudo; capacitação técnico-profissional; ampliar o acesso a informações sobre prevenção de doenças; acesso aos direitos constitucionalmente estabelecidos; desenvolver advocacia para o acesso a fundos de apoio a projectos de empreendedorismo; dentre outras; 2) Desenvolver acções e estimular o acesso dos mais necessitados à educação e à saúde por meio de projectos integradores e estruturantes; 3) Promover o desenvolvimento humano por meio de acções multiplicadoras que estimulem a criatividade, a autoestima, o conhecimento e a autodescoberta das potencialidades individuais e colectivas; 4) Fomentar acções de empoderamento por meio de empreendedorismo; 5) Promover a cultura moçambicana e o intercâmbio com demais povos do mundo; 6) Desenvolver acções em prol do ambiente, desenvolvimento sustentável e educação cívica para a cidadania; 7) Promover e divulgar o património sociocultural, sociolinguístico e histórico-material de Moçambique a nível nacional e internacional; 8) Desenvolver campanhas cívicas de sensibilização contra várias doenças endémicas na sociedade; 9) Promover cursos profissionalizantes de curta-duração para jovens desempregados; 10) Realizar estudos e pesquisas científicas para contribuir na busca de respostas aos diversos problemas que ocorrem na sociedade; 11) Estimular e desenvolver o intercâmbio cultural e científico entre os povos.

Neste momento temos três projectos-âncora para o próximo triênio (2017- 2020), à espera de potenciais parceiros, nomeadamente:

a) Projecto “Um tecto para salvar vidas”: Consiste na construção de um edifício multifuncional no qual funcionará uma escola (de educação infantil ao ensino primário geral); uma biblioteca; um auditório; uma cozinha e sala de refeições; um posto de saúde (para atendimento ambulatorio e distribuição de medicamentos), oficina para cursos profissionalizantes (informática, cabeleireiro, beleza e estética, corte e costura, culinária saudável); pavilhão desportivo para prática de desporto e descoberta de talentos; bloco residencial Tipo 1 para colaboradores (nacionais e estrangeiros), composto por 5 casas.

b) Projecto “Intercâmbio sem fronteiras”: consiste em promover o intercâmbio científico, pedagógico e cultural entre estudantes de vários países com os de Moçambique.

c) Projecto “Roda livro”: consiste em potenciar bibliotecas das escolas que se encontram nas zonas rurais dos municípios de Maputo e Matola com todo o tipo de material de leitura.

8. Como os voluntários da CCCI – Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional podem contribuir com a ONG NADECO?

R: Os voluntários da CCCI já têm provas dadas pelo mundo com acções de solidariedade concretas. Por isso, considero que a CCCI é uma parceira importante para a viabilização dos nossos projectos e espero que esta entrevista possa abrir as portas para tal.

9. Como você vê a situação de Moçambique no continente africano sob o ponto de vista de desenvolvimento social, económico, humano e ambiental?

Moçambique é um país privilegiado dada a sua excelente localização e a extensa costa marítima, o que lhe permite servir de base de importação e exportação para os países do *hinterland*; sem acesso ao mar, na região Austral de África. Estou a falar de Suazilândia, Zimbábwè, Zâmbia e Malawi.

Portanto, esta localização confere ao país um estatuto especial na região: o de plataforma giratória que energiza as economias destes países visto que usam os portos moçambicanos para importarem e exportarem os seus produtos e serviços.

Além disso, tem muitos rios e possui a quarta maior barragem do continente; a Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB), localizada na província de Tete, Centro do país, que fornece energia à África do Sul, Malawi, Zimbábwè, Zâmbia e Suazilândia. Por isso, é uma potência energética na região e no continente.

Para além de exportar energia eléctrica, o país exporta gás natural para África do Sul e Swazilândia e tem uma das maiores indústria de produção de alumínio do mundo, a MOZAL.

Saliento que a posição estratégica de Moçambique vai para além dos recursos energéticos e infraestruturas de serviço. Dispondo de uma costa rica, o país afirma-se como uma potência na exportação de produtos marinhos. Igualmente, pelo facto de ter extensas áreas aráveis, torna-se receptor de grandes investimentos para a área de agricultura e pecuária e também se posiciona como um dos principais destinos turísticos.

Com a descoberta de petróleo e exploração de minérios como ouro e pedras preciosas como rubi, acredito que o país diversificará a breve trecho as mais-valias da sua economia e melhorará o seu Produto Interno Bruto.

E para que isso aconteça, é preciso que os políticos reestabeçam o quanto antes a paz, condição essencial para que o país volte a ter o crescimento económico e melhorar a condição da vida das populações.

Sendo signatário de algumas conveções ambientais internacionais, o país obriga-se ao respeito do meio-ambiente e destaca-se por possuir uma das melhores legislações do continente e por criar áreas específicas de conservação da biodiversidade, ainda que as práticas criminosas atentem contra isso.

Outro aspecto importante é que os investimentos devem estar em conformidade com as leis ambientais. Sem isso, dificilmente se concede o alvará, ainda que admita que o clientelismo e as relações por vezes perigosas entre alguns agentes do Estado, que têm práticas pouco republicanas, e os investidores possam subverter a aplicação efectiva da legislação.

No que diz respeito ao desenvolvimento humano, há que reconhecer que ainda há muito por se fazer e a recente “ministerialização” desta área, isto é, o desenvolvimento humano passou a fazer parte Ministério da Educação, ficando Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano abre algumas esperanças para alterar os índices nos quais o país se encontra, visto que as riquezas que possui continuam a não trazer um impacto claro e visível para a vida das populações, em parte porque o desenvolvimento económico do país depende mais da exploração das matérias-primas essencialmente para a exportação e não está ancorado ao respectivo desenvolvimento, por exemplo, da indústria, da agricultura e dos serviços. Aliado a isso, está o fraco investimento nas áreas sociais, nomeadamente educação e saúde, corrupção e excessiva burocracia na tramitação dos processos.

Por essa razão que o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) considera Moçambique como um país com índice de desenvolvimento humano baixo.

10. Quais são suas considerações finais?

Gostaria de vos agradecer pela oportunidade que me deram de falar um pouco do meu país, da minha vida pessoal e também de expor os projectos do NADECO cuja materialidade depende e muito

da ajuda dos parceiros. Por isso, espero que as pessoas de boa vontade nos possam ajudar para nós também ajudarmos aos que tanto precisam.

Por fim, um reconhecimento muito especial aos voluntários da INTERCONS que na sua missão de ver a África com outros olhos distribuem livros, trazendo a esperança e contribuindo para a educação das populações, o que ajuda a desmistificar mitos e crenças que durante séculos colocaram o nosso continente no esquecimento. Bem hajam!

Entrevistador. Sebastião Feitosa é conscienciólogo, pesquisador da especialidade Evoluciologia, autor de diversos artigos e curso, graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), atualmente voluntário da INTERCONS, mantenedor-coordenador do Holociclo (CEAEC) e integrante do Conselho de Segurança da UNICIN, trabalha na Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA na área de inspeção sanitária em Portos, Aeroportos e Fronteiras.

Escultura Vida - Angola.

